



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA

DEPOIS ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA - ATUAL ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ

BOLETIM OFICIAL

Rio de Janeiro, Set/Out/1987 - Ano XXVI - Nº 100

O 1009 A³P

Leizer Lerner

Presidente de Honra da A³P

Recebi recentemente o exemplar da 99a. edição do "A³P" este simpático veículo de divulgação de nossa Associação, e não pude me furtar a uma certa emoção.

Há 25 anos atrás, participava eu da Diretoria da Associação. Febrilávamos de atividades: o funcionamento da 2a. Sede da Associação (a 1a. foi no Clube de Engenharia), em sala do 3º andar do velho prédio, e a mudança do 1º ano da Escola do largo de S. Francisco para a Ilha Universitária; a luta ingente para proporcionar melhores condições na transferência dos cursos de formação da Matriz (...no largo de S. Francisco) para a Filial (...na Ilha), obtendo a construção inclusive da ponte Oswaldo Cruz; a cooperação com a Universidade do Brasil para seu adequado ajuste à Lei de Diretrizes e Bases da Educação, com espaços para a atuação dos antigos alunos; a perspectiva de realizar pioneira e continuamente cursos de pós-graduação em Engenharia, em conjunto e íntima cooperação com a Escola; o combate, já em tão presente e hoje persistente, da manutenção do glorioso edifício-berço da Engenharia brasileira ligado a suas origens e preservado como símbolo nacional da profissão. E estas, para citar apenas algumas linhas da atuação e preocupações a que se dedicava a A³P.

Foi quando nos pareceu necessário levar aos associados, e ao público em geral, as notícias da Associação, suas realizações, opiniões e anseios. A ideia foi aprovada. E tivemos a felicidade de encontrar, em José Haddad, ex-Presidente do Diretório Acadêmico, colega idealista e competente, a pessoa certa para a missão de divulgar o esforço da nossa equipe de companheiros — da Diretoria, do Conselho Diretor, e de vários colaboradores — em holocausto, como escrevi na apresentação da 1a. edição, em 1962, "a uma saudade e a um reconhecimento".

Prossegui, naquele primeiro número:

"A saudade dos idos tempos, de uma memória tão grata, dos bancos escolares, da juventude plena de encantos e sonhos, da ânsia de saber e descobrir, de pesquisar o desconhecido — fase distante, irrecuperável, mas não menos presente em nossa lembrança, de uma mocidade estudantil, lépida, jubilosa, cheia do frescor e encantamento — saudade

dolorosamente doce, que só se extingue com o nosso desaparecer.

O reconhecimento pela honrosa distinção que nos concedeu a coletividade, outorgando-nos a oportunidade de habitarmos, por anos que nos pareciam longos (hoje tão lamentavelmente curtos...), o tradicional e vetusto casarão do Largo de S. Francisco, convivendo no ambiente de seus corredores e saguões e salas de aula.

À semelhança da velha Escola, edificada sobre os alicerces de uma Catedral, o que se constitui meritório templo do saber, elaboramos nós, da Associação, sobre as fundações de uma sincera e construtiva gratidão, um altar onde se oficia o culto de nossa saudade e reconhecimento. O Boletim, estamos certos, será o veículo de divulgação desta atividade."

Pois não é que a "onda pegou" (na linguagem atual da "mídia")?! O modesto boletim informativo, o Haddad, com inspirada inventividade, batisou de "Boletim A³P" (exponenciando a abreviatura da Associação dos Antigos Alunos da Politécnica: A.A.A.P. = A³P). Tinha até uma das seções com o título $\sum A^3P = \bar{O}$, somatório dos esforços da equipe da A³P resultando em trabalho — e quanto trabalho! — e algum êxito. Talvez mesmo mais êxito do que nós próprios esperávamos...

Em 1974 editou-se o 509 número do A³P. De "multilith" do Diretório Acadêmico das primeiras edições, passou-se ao "off-set" — o Boletim se modernizara, ampliara e acompanhara, à altura, a brava luta da Associação. E foi com emoção que recebi o volume encardinado com as 50 edições iniciais do A³P, carinhosamente preparado por seu redator-chefe e Secretário da Diretoria, Leo Fabiano Baur Reis, e que me foi entregue com carta subscrita por todos os demais companheiros do colegiado.

Já nesta época Durval Lobo presidia nosso Conselho Diretor. E hoje preside, com dedicação e entusiasmo, a Associação, que o precedendo teve ao leme personalidades como Maurício Joppert da Silva, Cesar Cantanhede, Antonio José da Costa Nunes, Hugo Cardoso da Silva e Nestor de Oliveira.

Inexorável, o tempo foi passando. 25 anos se escoaram. Além de Durval Lobo, nos órgãos dirigentes da agremiação ainda encontram-se vários dos bons companheiros de então, emprestando suas luzes, interesse e energia à A³P (a Associação) e ao A³P (o Boletim).

O 999 número do A³P levou-me à estante, e de lá retirei o volume comemorativo das 50 edições iniciais. Folheei-o — quanta recordação, quanta lembrança do trabalho realizado, de companheiros dedicados e batalhadores, quanta evocação de campanha encetadas, de tarefas cumpridas.

Em carta ao Presidente da A³P, sugeri-lhe que a 100a. edição do A³P fosse festejada na medida do significado da marca alcançada. O Presidente foi sensível à proposição, mas severo na contrapartida. Determinou-me escrever este comentário, e com prazo certo. Procurei cumprir, acelerando, a incumbência, lamentando apenas que o enfado destas recordações vá atingir ao menos culpado de tudo, que é o leitor...

Enfim, aqui fica minha homenagem ao "A³P" — o centenário Boletim da As

sociação dos Antigos Alunos da Politécnica, e à nossa brava gente, que tem mantido erigido o facho e o ideal do velho e glorioso nascedouro da Engenharia no Brasil.

X X X X

NOTAS SOBRE O POSITIVISMO NO BRASIL (IV)

Recebemos de nosso associado Ruben Descartes de Garcia Paula, amável carta e contribuição preciosa para a pesquisa sobre o Positivismo, que vimos empreendendo e divulgando através de nosso Boletim.

O missivista, além de químico e professor, escreveu diversas obras sobre o Positivismo, que teve a gentileza de nos obsequiar, o que de público agradecemos.

De seu opúsculo "O Positivismo, o anti-Positivismo e o Fascismo", publicado em 1982, transcrevemos trechos que, segundo o autor, provam "não ter sido o Positivismo o responsável pela ditadura fascista que, por 21 anos, subjuguou o Brasil. Pelo contrário; os ideais que arrimam os positivistas sempre foram e assim continuam os da Ordem e Progresso, com Liberdade e Dignidade. Sem mentiras, nem ódios!"

(S.H.S.L.)

"DITADURA REPUBLICANA"

Embora em alguns casos se possa desculpar articulistas ou escritores de confundirem *Ditadura Republicana* - o regime político preconizado por Comte - com as ditaduras fascistas e bolchevista, tal erro só seria desculpável pelo que os dois sistemas têm de comum, isto é, o vocábulo *ditadura*. Tanto mais que, de um lado, é dever ético de quem escreve para o público informar, esclarecer, ensinar. Nunca enganar,

muito menos empulhar! Por outro lado, nos 100 anos de sua divulgação, no Brasil, especialmente no Rio, em São Paulo, em Curitiba, em Porto Alegre; e através de vastíssima literatura e bibliografia a respeito de todos os assuntos a ele (Positivismo) referentes, são apresentados fatos a que não correspondem o desconhecimento e a ignorância daqueles que expõem sobre coisas tão elevadas e tão sérias sem conhecê-las razoavelmente. Todavia, para esclarecimento do leitor, vejamos, mais explicitamente, as diferenças fundamentais entre os dois tipos de ditaduras: aquela anti-republicana, dos fascistas, e a que se assentaria nos elevados e sérios ideais republicanos-positivistas. Pois bem, estes ideais políticos, que temos ressaltado aqui e ali, na presente exposição, constituem a base do que Comte denominou *Ditadura Republicana*. Isto, veja-se bem, num tempo em que, de um lado, ditadura não era sinônimo de autoritarismo, de arbítrio, de como é hoje; de outro, Comte, pertinentemente, qualificou a "sua" ditadura de *republicana*, distinguindo-a, assim, do que viriam a ser ditaduras fascistas, comunobolchevistas, etc. Note-se, ainda que a *ditadura* nasceu na velha Roma como uma *dignidade* a ser exercida, em tempos difíceis, por um *Magistrado* ou pelo Imperador, com o título de *ditador*; nem um nem outro eram con-

siderados tiranos; como não foram César, Cincinnatus e outros. Foi, em parte, inspirado em governantes dessa estirpe, como foram também Carlos Mágnio e, sobretudo, Frederico II. - O Grande, que Comte modelou o que chamou de ditadura; o que deixa ele transparecer nesta passagem: "...Frederico foi um gênio prático que, em capacidade política, mais se aproximou de César e de Carlos Mágnio; um ditador (sic) que forneceu o melhor modelo de homem de Estado Moderno, conciliando a autoridade com a liberdade". (A. Comte: *Politique Positive*; III, p. 584). Se não nos enganamos foi Carlyle quem afirmava que Frederico - sendo um rei - foi um dos mais perfeitos republicanos conhecidos da História. Foi, dizíamos, se inspirando em tais modelos, caracterizando a Ditadura Republicana como um regime de responsabilidade; de autoridade (que não pode ser confundida com autoritarismo), em oposição ao parlamentarismo - cujo grande defeito é, diluindo o poder, torná-lo fraco e irresponsável - que Comte preconizou, como dito acima, e especialmente para esses tempos de profunda anarquia espiritual, de confusa e penosa transição a (hoje) tão malsinada *Ditadura Republicana*. (Convenhamos - e os positivistas em geral, hoje reconhecem - não ser nada político defender-se o tornando duvidoso e mesmo odioso vocábulo; mas isto, está claro, sem renegarmos a elevação, a excelência e a oportunidade das idéias e da prática política do fundador da Sociologia). Na verdade a ditadura pensada por Comte é um regime ou forma de Governo que, na aplicação, muito se assemelha ao Presidencialismo da nossa República de

89; regida pela Constituição de 1891 (República que devia receber aperfeiçoamentos contínuos; não ser deixada retrogradar-se até o estado fascista que, em parte, aí está!); ou ainda, ao regime que, por influência da Júlio de Castilhos, foi implantado no Rio Grande do Sul, através da sua Constituição de 14 de Julho de 1891. Por outro lado, Comte preconizava a Ditadura Republicana como destinada a ter vigência *provisória*: para os tempestuosos tempos de anarquia espiritual e suas implicações políticas, visando a transição desse caos, para um regime político superior, como o que, um dia, sucederá à presente anarquia e sua brutalidade cada vez mais insuportáveis! Frutos (amargos) da retrogradação social e política imposta ao Brasil pelo "estado novo" - ditadura fascista, de Getúlio Vargas, e de seus "condestáveis" Góes Monteiro e Eurico Dutra, e outros, em 1937. Regime que o velho Getúlio e seus escribas insinuavam como sendo inspirado no Castilhismo e, conseqüentemente, no Positivismo. (Bobagens, ainda hoje, repetidas por outros "desconhecedores da história" e que não passam de patranhas). De fato, Getúlio muito pouco conhecia do Positivismo; e tendo militado por longos anos na política do Rio Grande do Sul, na vigência, ali, da Constituição estadual de 14 de julho de 1891, de inspiração positivista (por obra de Castilhos), ao menos por ommose, ter-se-ia (Getúlio) apropriado dos elevados princípios sócio-políticos que nortearam o grande e malogrado Presidente gaúcho. Todavia, como Chefe do Governo discricionário a que subiu em 1930, sobretudo a partir de 1937, quando assumiu a ditadu

ra fascista-integralista, Getúlio re-
negou, esqueceu-se do que sabia do
Positivismo e das ligações que tive-
ra com a obra de Castilhos... A não
ser em alguns aspectos da questão so-
cial-trabalhista, na qual o "estado
novo", graças à ação do ilustre Mi-
nistro (do Trabalho, pasta da qual
foi o 1º titular) Lindolfo Collor, a-
dotou pontos-de-vista políticos de
inspiração positivista. No mais, o
"estado novo" não passou do ramer-
rão; ora obscurecido pela opressão,
ora sacudido pela violência da re-
pressão! O que impedia seus partidá-
rios — como ainda hoje repetem tar-
dios escribas — de dizerem que a
ditadura estado-novista se inspirava
ou equivalia à Ditadura Republicana.
O que, conforme com o acima é, incon-
testavelmente, falso! (...)

Divergentes em princípios doutriná-
rios, mas, possivelmente, convergen-
tes nos propósitos de luta por um
Mundo e um Homem melhor, cordialmen-
te, concitamos nossos patrícios (gre-
gos e troianos) para procurarem (tam-
bém) no Positivismo — o que ele, no-
toriamente possui: as armas contra a
miséria, as doenças, a ignorância, a
violência, as guerras!...

Só o Amor, a Fraternidade, a Paz,
constroem para sempre e para todos!

Não, pois, por instinto iconoclas-
ta nem ímpio; mas pelo normal uso da
razão e do sentimento, inatos no ho-
mem, dirigindo-nos aos *gratuitos de-
tratores* (vêde bem!) do Positivismo
recordamos, aqui e ali, neste e nou-
tros trabalhos, a mais do que notó-
ria situação caótica em que se deba-
te a família humana — um *quadro* que
seria macabro-olhai a bomba atômica
— se não nos restassem algumas espe-
ranças. (...)

A verdade é que em matéria espiri-
tual, tendo sido quebrada a bússola
(vêde o Dante que dizia, *não há, no
mundo quem governe; eis porque as ex-
travias a família humana*) que, até a
Idade Média dava uma razoável orien-
tação e, à sombra desta, uma razoá-
vel unidade espiritual, está a nossa
espécie desnorteada, diante de pavo-
roso impasse. E para se sair desse
impasse, há que se enfatizar: renova-
ções, reformas, sociais e morais, pro-
fundas! Reformas pacíficas! Pois as
vindas de quartéis só têm agravado a
situação do País e do povo! (Não só
do Brasil, é verdade) mas aqui no
que toca o nosso povo, das mais gra-
ves!

Para tempos novos, novos remédios!
Como os que pedia o tão eminente
quanto modesto homem público, Abraão
Lincoln (1809-1865): "*Os dogmas do
passado são inadequados para o tem-
pestuoso presente* (o de Lincoln; o
que dizer do nosso?). *Como a nossa
casa é nova, cumpre pensar (e agir)
de modo novo*" Antes de AL, outro
grande servidor da Humanidade — o
pensador católico José de Maistre
(1753-1821), repetia e completava as
afirmações de Dante e de Lincoln; es-
crevendo: "Não há mais religião so-
bre a Terra; o gênio humano não pode
permanecer nesse estado..." (J. de
Maistre: *Soirées de S. Petersburg*.
la ed. vol. II, p. 270). Noutro es-
crito: "Estou tão persuadido das ver-
dades que defendo que, quando consi-
dero as divergências de opiniões, o
desmoronamento das soberanias à fal-
ta de base; a imensidade de nossos
meios, parece-me que todo filósofo
deve optar entre duas hipóteses: *ou
vai formar-se uma nova religião, ou
o Cristianismo será rejuvenecido*".

Id. Considérations sur la France.
 Ed. 1821, cap. V. p. 250). E voltando à *Soirées*... "Esperai que as afinidades entre a ciência e a religião se reunam na cabeça de um só gênio: o aparecimento desse homem não saberia estar longe, e talvez, ele já existia mesmo. Ele será famoso e porá fim ao sec. XVIII." (idem, *ibid*: *Último entretenimento*). Admirai-vos, leitores: De Maistre escreveu isto em 1796; e em 1798 ("fins do sec. XVIII") nascia Augusto Comte! Eis aí, as grandes causas excitam as "antenas" dos grandes benfeitores e, assim, De Maistre "captou", numa extraordinária previsão, três fatos, historicamente, transcendentais: 1) O "rejuvenescimento do Cristianismo" — que vem se operando; 2) "A criação de uma nova religião não devia estar longe..." — e não estava! Seu fundador nasceu no penúltimo ano do sec. XVIII! 3) A nova religião teria como dogma a Ciência. O que se concretizou. E fato deveras transcendente este: ter partido de um católico praticante — De Maistre (a comprovar a afirmação de Levy Bruhl: "estar o espírito comteano ou positivo por toda parte...") — a verificação de que "a nova religião" surgiria de um gênio em cuja cabeça e coração se reuniram a Ciência e a Religião: sabendo-se que o Positivismo-Religião da Humanidade tem como dogma ou motivação a Ciência e seus métodos. Conciliação entre Ciência e Religião (o que não se conciliam são ciência e teologia; ou espíritos-científico e teológico) conciliação, repetimos, que a Igreja Católica, recentemente — e ainda que tão tardiamente — reconheceu, ao reabilitar o grande Galileu.

O Positivismo elaborado e coordenado na sua forma de um sistema filosófico religioso, educacional, por excelência, é obra original de Comte. Mas o Renovador não o inventou, não o tirou de nada! O material (idéias e fatos) que usou, ele o buscou nessa esplêndida e imensa cornucópia que vem crescendo e se enchendo desde os primeiros vagiões da Civilização. Encheram-na essas magníficas plêiades de homens e mulheres de todos os tempos e lugares, dos quais, numa seleção dos melhores, Comte nos deu uma amostra no seu *Calendário Histórico (Positivista ou dos Grandes Homens)*. Ali estão inscritos 558 personagens, a começar por Moisés (sec. XIV a.C.?), até o meado do sec. XIX; são filósofos, pensadores, religiosos, heróis, historiadores, cientistas, técnicos, inventores, artistas, etc. (*Vide le Nouveau Calendrier des Grands Hommes, ou Biographies des 558 personnages...* Trad. do inglês, por Charles Avezac-Lavigne. 2 vol. Paris, 1893). Foi com esses "monstros" da criatividade, com o que eles criaram — que o próprio Renovador moderno (Comte) aperfeiçoando, acrescentando e, por sua vez, criando, pois ninguém melhor do que ele poderia repetir com Newton: "Pude ver mais longe porque subi em ombros de gigantes..." É, do que "viu", usou para construir o seu monumental Sistema; o qual pôde atingir tal magnitude, não só por ser oriundo de um acervo de conhecimentos de que nenhum codificador anterior a Comte dispôs: como porque proveio de um cérebro, de um coração e de um caráter, talvez jamais reunidos num só homem. Entretanto, este homem, em tempo algum, se julgou infalível; pelo con-

trário; ele mesmo abriu as portas dessa *Catedral de idéias* segundo Gabriel Tarde) para quem quizer e puder... aperfeiçoar. (V. A. Comte: *Catecismo Positivista*, p. 284/5). Por outro lado, não foi o Positivismo com o seu peso de racionalismo baseado na Ciência e nos seus métodos que, conforme pensam alguns escrevinhadores tornou o homem *cético e incrédulo* (ao sobrenatural, bem entendido). Outrossim, não veio o Positivismo para fazer concorrência aos sistemas ou religiões teológicas. Como vimos linhas acima, tudo aconteceu por determinismo evolutivo; regulado por leis sociológicas-científicas ou positivas. Não por vontade arbitrária de A ou B.

RUBEN DESCARTES DE GARCIA PAULA

— X X X X X —

E A TRIPULAÇÃO ?

Na ocasião em que publicamos o centesimo número de nosso Boletim a ³A P continua em seu glorioso processo procurando atender aos desejos e anseios de seus sócios.

DIRETORIA

Durval Coutinho Lobo - Presidente; Nestor de Oliveira Junior - 1º Vice-Presidente; Paulo José Pardal - 2º Vice-Presidente; Paulo Moreira Pinho - Diretor Administrativo; Léo Fabiano Baur Reis - Vice-Diretor Administrativo; Cleofas Paes de Santiago - Diretor Secretário; Sergio Henrique Sã Leitão - Vice-Diretor Secretário; Gerhard Vasco Weiss - Diretor 1º Tesoureiro; Henri Uziel - Diretor 2º Tesoureiro; Marconi Nudelman - Diretor Técnico-Cultural; Octavio Reis de Cantanhede Almeida - Vice-Diretor Técnico-Cultural; Alcina Koenow Pinheiro - Diretor de Cursos; Fernando Monteiro de Moraes - Vice-Diretor de Cursos; Luiz Carlos de Almeida - Diretor Social; Munir Assuf - Vice-Diretor Social.

CONSELHO FISCAL

EFETIVOS: Attilio Geraldo Vivacqua, José Mariotte de Lima Rebello e Jayme Kritz

SUPLENTE: Afonso Henriques de Brito, Gilda Maria Teixeira Uflacker e João Pacheco Netto

CONSELHO DIRETOR

MEMBROS VITALÍCIOS - EX-PRESIDENTES: Leizer Lerner (Presidente de Hora), Antônio José da Costa Nunes (Sócio Benemérito), Hugo Cardoso da Silva e Nestor de Oliveira Junior. SÓCIOS HONORÁRIOS: Marcos Carneiro de Mendonça e Mário Antônio Barata.

MEMBROS NATOS: Diretor da Escola de Engenharia: Prof. Antônio Claudio Gomes de Souza; Presidente do Clube de Engenharia: Matheus Schnaider; Presidente da Federação Brasileira de Associações de Engenheiros: Paulo Moreira Pinho e Presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Engenharia.

MEMBROS ELEITOS: Gregório Vaisberg - Presidente; Alberto Azevedo Ferrão; Alberto do Amaral Ozorio; Antonio Manoel de Siqueira Cavalcanti; Bernardo Griner; Cairo da Silva Leite; Carlos Cezar Machado; Clara Perelberg Steinberg; Darcy Aleixo Derenusson; Eryx Albert Sholl; Fernando Emmanuel Barata; Heitor Lisboa de Araujo Costa; Heloisa Fraenkel; Henrique Bevilacqua Fraenkel; Homero Henrique Rosa Rangel; Isidro Pinto da Rocha Filho; Jacob Steinberg; Jayme Bloch; Marcílio Nolding da Motta; Marisa Vianna Ballariny; Nanto Junqueira Botelho; Samuel Sztyclic; Siegfriedo Rosner Gottschalck; Sophia Machado Portella e Sydney Martins Gomes dos Santos.

Esse espaço foi aberto em nosso boletim, para as manifestações da criatividade dos associados da A³P, seus familiares ou amigos engenheiros. Envie suas colaborações seja a descrição de um invento, uma poesia, uma crônica ou um conto.

Nesse número publicamos o artigo do Eng^o Sergio Henrique Sã Leitão, intitulado "Euclides da Cunha: Um verdadeiro sábio".

EUCLIDES DA CUNHA: UM VERDADEIRO SÁBIO

Eng^o Sergio Henrique Sã Leitão

Os Sertões, de Euclides da Cunha, é um livro único e singular na literatura mundial e demonstra cabalmente o valor desse brasileiro notável como literato, cientista, historiador, geógrafo, etnógrafo e psicólogo. Um verdadeiro sábio. É uma denúncia contundente da ação criminosa do Governo constituído contra uma colônia inteira de sertanejos ignorantes e fanáticos, que premidos pela miséria e a intolerância dos proprietários da terra, se reuniram sob a liderança messiânica de Antonio Conselheiro e foram dizimados pelo Exército em Canudos, no interior da Bahia, em outubro de 1897. Essa epopeia da história do Brasil foi escrita, entre 1897 e 1902, nos momentos de folga de engenheiro Euclides da Cunha. Para isso, ele estivera no local do conflito, a mando de 'O Estado de São Paulo, fazendo a cobertura jornalística da tragédia. Minucioso e detalhista, ele fez um levantamento completo da situação econômica e social da região e as reportagens que enviou para o jornal foram enriquecidas com dados da geografia, botânica

e zoologia do lugar e as explicações de natureza social do sangrento episódio.

Passados tantos anos do extermínio da população de Canudos, podemos considerar que Euclides apresentando como causa do conflito a existência de dois Brasís, um moderno e voltado para o litoral e o exterior e outro arcaico e autêntico, preso às raízes e hierarquias de sua formação e vivendo no interior do País, não atingiu o cerne da questão, que era a política econômica do Governo, que promovia o desenvolvimento do Sudeste, graças às facilidades de crédito, incentivos a importação de equipamentos e o deslocamento da mão de obra disponível no Nordeste.

Por duas vezes, em 1885 e 89, Euclides fez exames para a Escola Politécnica, foi aprovado, mas não chegou a completar o primeiro ano de estudos. Com a proclamação da República ele voltou à carreira militar, da qual fôra excluído, em 1888, em incidente memorável. No final do século XIX, vamos encontrá-lo em São José do Rio Pardo, município localizado a 250 Km ao norte de São Paulo, como engenheiro do Departamento de Obras Públicas do Estado de São Paulo, encarregado da reconstrução de uma ponte metálica sobre o rio Pardo. Essa ponte favorecia o escoamento da produção das fazendas de café da região para o porto de Santos e ruíu, poucos dias, após a sua inauguração. Enquanto reconstruía a ponte, Euclides, vivia em uma cabana de zinco no canteiro da obra, escrevia "Os Sertões" e participava das tertúlias do Clube Democrático Internacional "Os

filhos do trabalho". Essa agremiação fora fundada, por cidadãos do município, para divulgar as ideias socialistas, de que Euclides era um dos admiradores.

Volta ao Rio de Janeiro, em 1907, após passar um ano na Amazonia, como chefe da comissão de reconhecimento do Alto Purus, toma posse na Academia Brasileira de Letras, escreve o relatório da comissão que chefiara e publica "Contrastes e Confrontos". Nessa obra há um artigo sobre a propriedade privada, em que Euclides de fende ponto de vista nitidamente socialista. Segundo Leandro Konder em "A derrota da dialética" (tese de doutorado defendida, em maio de 1987, no IFCS-UFRJ):

"Euclides da Cunha é o primeiro intelectual brasileiro importante a ter tido uma ideia da perspectiva global de Marx. Isto não quer dizer, evidentemente, que ele se tenha tornado marxista (...). No plano filoso-

fico, Euclides era fortemente marcado por sua formação positivista; suas ideias oscilavam entre a abertura para o real e o recuo para a doutrina".

Em 1909, foi assassinado por questão familiar, poucos meses após ganhar concurso para professor do Colégio Pedro II.

Afranio Coutinho, comentando "Os Sertões", afirma: "Psicólogo das multidões, Euclides é extraordinário na descrição dos seus movimentos, tanto quanto o é na pintura dos tipos humanos, todos pertencentes mais à galeria dos personagens literários do que à realidade histórica, como está provado. Misturam-se na obra, elementos de diversos gêneros, o ensaio, o drama, a narrativa épica, o lirismo, para integrar um grande poema-romance-epopéia, dominado pelo sentimento trágico e pela emoção lírica".

X X X X X X

CALENDÁRIO DOS SÓCIOS ANIVERSARIANTES

A todos os companheiros, que aniversariam em outubro e novembro, nossos afetuosos abraços, acompanhados dos melhores votos de felicidade.

ANIVERSARIANTES DO MÊS DE OUTUBRO

- | | |
|--|---|
| 01- Mario Campos de Araujo (55)
236-0153 | 12- Anthero D'Almeida Mattos (46)
247-4366 |
| 02- Nelson Aoki (63) 268-2639
- Samuel Feigelson (55) 252-4894
- Eduardo Pacheco Jordão (62)
255-0261 e 234-7772 | - Gabriel Biasotto Mano (52)
227-4768
- Samuel Gorberg (60) 265-2356 |
| 03- David Lerner (45) 285-1371
- Fulvio Francisco Nasser Ruffinelli (53) PARAGUAY
- José Augusto Monnerat Araujo (61) 257-7038 | 13- Oscar Seabra Jorge (48)
246-6662
14- Mario Kabalem Restom (58)
286-0700
- Mario Rosalino Marchese (38)
226-9635 |
| 05- Aonio de Abreu Travassos (49)
226-1790
- Sydney Martins Gomes dos Santos (35) 225-5452 | - Severino de Souza Barbosa (53)
245-3575
15- Erasmo Moura (45) 225-7849
- João Lopes da Silva Filho (55)
274-8882 e 274-6696 |
| 06- Carlos Cezar Machado (47)
227-3350
- Newton Coimbra de Bittencourt Cotrim (38) 80-7620-S.Paulo | - Petronio Achilles Ribeiro Rosa (51) 221-5472
16- Aristides Guimarães Netto (55)
238-3967
- Cid Mathews (67) 265-9267 |
| 11- Pedro Parga Rodrigues Couto (56) 221-3413 | |

- | | |
|--|--|
| 17- Arlindo Ferreira de Souza (33)
24-0796 - Porto Alegre-RS | - Paulo Cesar Correa Lopes (68)
275-6619 |
| 18- Ivan Gonaçálves Passos (68)
264-9916 | 27- Nelson Ferreira Coutinho (39)
23-2732 - Porto Alegre-RS |
| 19- Atahualpa Schmitz da Silva Pre
go (50) 268-3575 | 29- João de Lima Acioli (48)
225-0486 |
| 20- Flavio Miguez de Mello (67)
220-3222 ramal 131 | 30- Jonas Correa dos Santos (44)
257-9126 |
| - Waldemar Dieckmann (46)
242-8177 | - José Candido Castro Parente Pes-
soa (49) 266-2507 |
| 22- Raimundo Barbosa Carvalho Netto
(25) 225-8559 | 31- Carlos Cavalcante Rocha (61)
285-2719 |
| 23- Francisco Cesar Linhares da Fon
seca (46) 1491 -Volta Redonda | - Luiz Carlos Lima Petersen (61/62)
264-3935 |
| 24- Agricola de Souza Bethlem (51)
274-4324 | - Sadi Canetti (47) 261-1290 |

ANIVERSARIANTES DO MÊS DE NOVEMBRO

- | | |
|--|--|
| 01- Alfredo Paulo Cesar Andrade
(44) Santos-SP | - Hermano Cezar Jordão Freire (47)
399-9739 |
| - Luiz Coimbra Bittencourt Cotrim
(46) 259-9965 | - João Baptista Curcio (55)
718-7646 - Niteroi-RJ |
| 02- Nelson Vieira Pamplona (55)
246-6802 | 17- Aram Boghossian (53) 232-9487 |
| 03- Abelardo Coimbra Bueno (33)
242-4815 | - Jaures Paulo Feghali (52)
246-8263 |
| - Fernando Lavenhagen de Mello
(36) 24-1211 - Belo Horizonte-MG | - Oscar Arlindo C. de Oliveira
(66) 258-5370 |
| - Flavio Correia da Rocha (32)
3-6073 - Maceio-AL | - Sergio Paulo de Almeida Coelho
(66) 396-9678 |
| 04- Eryx Albert Sholl (47) 322-1071 | 18- Adriano Correa Marques (38)
225-3060 e 205-8294 |
| 05- Pompeu Barbosa Accioly (34)
247-5822 | - Paulo Cesar Coutinho (51)
399-0363 |
| - Roberto José Fontes Peixoto (21)
237-8374 | 19- Flavio Joppert de Moura (66)
342-3669 |
| 06- Cesar Dacorso Netto (34)
295-2525 | - Nelson Henrique Gajardo (55)
248-4927 |
| - Leon Zonenschain (61) 235-0658 | 20- Carlos Eduardo Rosman (38)
226-8956 |
| 07- Eduardo Della Nina (57)
266-7767 | - Meyer Rosenfeld (47) 222-8842 |
| - Justino Borges Pinheiro (66)
228-4743 | 21- Paulo José Pardal (51)
226-5848 |
| - Rodrigo José Coelho de Albergar-
ria (47) 257-0260 | 22- Homero Henrique Rosa Rangel
(48) 227-4417 |
| 08- Leodgard Fernandes Rodrigues
(55) 275-2906 | 23- Antonio Carlos Pimentel Lobo
(47) 247-5772 e 226-6678 |
| 09- Alberto do Amaral Osorio (38)
247-5837 | - Luiz Gioseffi Jannuzzi (29)
245-1372 |
| - Mario Cardoso Fonte do Amaral
(46) 265-8686 | 24- Rogério Bruno Crissiuma Martins
(58) 257-5639 |
| 10- Alfredo do Amaral Osorio (40)
227-5865 | 25- Anis Abi-Chain (61) 258-2784 |
| 12- Geofredo Victor Moraes (47)
227-2681 | 26- Edilson Tavares de Souza (50)
711-6861 - Niteroi-RJ |
| - José Sodré Linhares (55)
711-7134 - Niteroi-RJ | - Rogerio Lionel Cortez de Barros
(64) 234-7012 |
| - Kimiyé Hachiya Osorio (38)
247-5837 | 28- Abrahão Jacob Najman (52)
236-6402 |
| 15- Gilson Faissal (66) 551-7924 | 29- Carlos Alberto de Avellar Werner
(61) 234-2587 |
| - Luiz Guilherme Greve (61)
266-4113 | 30- Sílio Carlos Pereira Lima Filho
(72) |
| 16- Alberto Ribeiro Paz (27)
286-0891 | |

Essa seção ficará a disposição dos associados da A³P para opinarem sobre os mais variados assuntos da atualidade. Nesse número publicamos o artigo do Eng^o Sergio Henrique Sá Leitão que se segue.

A TRANSIÇÃO POLÍTICA: DESORDEM, AUTORITARISMO OU DEMOCRACIA?

Eng^o Sergio Henrique Sá Leitão

Não podíamos deixar passar despercebido o encontro do Presidente José Sarney com o Ministro da Cultura, Celso Furtado, o reitor da USP, José Goldemberg e mais sete cientistas políticos de nomeada, que coordenaram o seminário "A Transição Política: Necessidades e Limites da Negociação", realizado em São Paulo, em junho do corrente ano, e, as declarações a respeito publicadas no Jornal do Brasil, de 02.07.87, e que são as seguintes:

"Ao deixar a Granja do Torto às 14h, os cientistas políticos foram unânimes em classificar de positivo o encontro mas afirmaram que não foi muito fácil manter um diálogo com um político. O ministro da Cultura, Celso Furtado, que participou da reunião, justificou essa dificuldade afirmando que a análise dos acadêmicos é importante, mas eles deixam "escapar áreas da realidade que só os políticos captam". Discordaram do presidente Sarney quanto ao ritmo da transição democrática, que consideraram estagnada, enquanto o chefe do governo insistiu em que ela está caminhando e que o processo será encerrado com a futura Constituição. Eles recomendaram ao presidente a fixação de um calendário eleitoral, incluindo a data das eleições presidenciais, na

pauta de negociações da transição política.

O presidente Sarney disse que os cientistas políticos, dentro de uma visão acadêmica, procuram a "justiça absoluta e apaz", enquanto os políticos, na visão da realidade, procuram a estabilidade. Para atingi-la, algumas decisões do governo têm de ser tomadas sem o conhecimento prévio da sociedade, citando o exemplo do Plano Cruzado."

É difícil acreditar que as coisas se passaram como transcritas e para melhor entender as divergências surgidas, vamos recorrer a um mestre consagrado, como o Prof. Roland Corbisier reproduzindo da sua obra "Os intelectuais e a revolução" (Ed. Ave nix, 1982) o seguinte trecho:

"Temos dito e repetido, em textos escritos e nos inúmeros cursos livres de filosofia que vimos ministrando, a partir de 1974, que a carência fundamental de que sofremos, no plano da cultura, é a formação filosófica. As classes dirigentes do país, políticos, empresários, profissionais liberais, jornalistas, para não falar nos militares, carecem dessa formação, motivo pelo qual não têm da realidade a visão global, sinóptica, como diria Platão, que só essa formação pode proporcionar. Tal carência explica os equívocos, os despropósitos e contrassensos que tão frequentemente cometem políticos, jornalistas e, até mesmo, intelectuais que embora sejam inteligentes, também padecem da aludida insuficiência, e, por isso, muitas vezes, falam e escrevem sem pensar, sem saber o que estão dizendo.

O equívoco mais grave, fruto tam

bém da ignorância filosófica, é o que separa a filosofia da política, como se o exercício da atividade política requeresse apenas qualidades de ordem psicológica, como a intuição, o faro, a malícia, etc., muitas delas, aliás, comuns entre os homens e os animais, como a raposa, por exemplo. Tal ruptura separa o saber do poder, como se aqueles que detêm o saber estivessem, por isso mesmo, inabilitados para o exercício do poder e, inversamente, aqueles que exercem o poder, ou pretendem exercê-lo, estivessem dispensados de saber. Os políticos poderiam ser pouco inteligentes e ignorantes, o que não os impediria de ser bons políticos, e os intelectuais, por sua vez, não deveriam interferir na política, cujo exercício, como vimos, exigiria qualidades que normalmente não possuem e não podem adquirir."(...)

"Que pretende o filósofo? Ensinar os homens a procurar a sabedoria, por que só a sabedoria, a vida de acordo com a razão, os pode tornar felizes. Que pretende o político? Não o aventureiro, o demagogo, o oportunista, o maníaco do poder pessoal, mas o autêntico político? Organizar e dirigir a sociedade de tal maneira que, na cidade racional e justa, os homens possam viver de acordo com a razão e encontrem a plena satisfação de suas necessidades e aspirações, quer dizer, a felicidade."

Será que, Celso Furtado, que com seu livro "Formação Econômica do Brasil", publicado em 1959, é reconhecido como o iniciador do pensamento econômico brasileiro, não tem a visão global da realidade?

Se ao longo de sua vida pública foi diretor do BNDE, fundador da

SUDENE, ministro sem pasta do efêmero regime parlamentarista, ministro do Planejamento de Goulart, professor no Chile e França e autor de várias obras importantes no campo da Economia, não possui graças a isso vasta experiência e notável saber?

Vejam os que diz sobre o atual ministro da Cultura, Guido Mantega, em seu livro "Economia Política Brasileira" (Edit. Polis/Vozes, 1984, pg. 13):

"E foi justamente dessa tradição nacional-desenvolvimentista que surgiram os dois grandes pensadores dessa época no campo da economia política, Celso Furtado e Ignácio Rangel, cujos trabalhos avançavam uma interpretação mais elaborada da emergência do capitalismo industrial em curso no país. A Celso Furtado coube traçar as linhas mestras do "processo de substituição de importações", ressaltando a transição da economia cafeeira para acumulação industrial, enquanto Ignácio Rangel ocupava-se principalmente com o caráter prematuramente oligopolista da economia brasileira, tanto na esfera da comercialização dos produtos agrícolas, quanto no recém-fundado parque industrial. E ambos convergiam para um diagnóstico semelhante dessa realidade e propunham estratégias de desenvolvimento parecidas, a despeito da originalidade de cada um, revelando a adoção dos mesmos pressupostos teóricos neoclássicos e keinesianos e a complementaridade de suas teses principais, endossadas pelos demais autores também identificados com o processo de substituição de importações, como Maria da Conceição Tavares. É a partir dessa proximidade e complementaridade que se pode construir o pri

meiro modelo analítico da economia brasileira: o Modelo de Substituição de Importações."

E o que dizer de José Goldemberg, reitor da USP, professor da Escola Politécnica, especialista em física nuclear, combatente ardoroso do plano nuclear brasileiro, criado pelo regime militar de 1964? Não tem condições de propor medidas capazes de transformar o nosso País?

Furtado e Goldemberg, são homens devotados ao serviço da causa pública e ninguém melhor do que eles para reunir intelectuais afim de fazer um diagnóstico e apresentar solução para o futuro. Ao político caberia apenas verificar a oportunidade das medidas propostas, desde que fosse um ardente defensor das causas populares.

Na realidade o que se percebe é que o tempo do Sr. José Sarney já passou, sem que ele tivesse um desempenho a altura de suas responsabilidades. Um político que busca a estabilidade só encontrará o pandemônio e a confusão. Como dizia Max Weber "é absolutamente certo e assim prova a História, que neste mundo nunca se consegue o possível se não se tentar, constantemente, fazer o impossível". Após o fracasso do Plano Cruzado, o que ele poderia fazer?

Acabar como Getulio Vargas; repetir, Janio Quadros ou restaria outra opção? Novos plano, e novos atores que sobem ao palco para continuar o baile de mascaras? Fazendo verdadei-

ras as palavras de Nietzsche "a vida não foi inventada pela moral: ela quer engano, ela vive de engano". É preciso que os políticos se sintam responsáveis por cumprir as promessas feitas em praças publicas ou através dos meios de comunicação. Sempre oscilamos entre a desordem e o autoritarismo. A democracia, a outra opção, que a maioria da população de seja e espera, demora a chegar. A transição de fase é lenta, dolorosa e plena de sacrifícios. As instituições políticas são fracas e ainda não estão amadurecidas para o processo democrático. O Brasil industrial e moderno vem progredindo, anualmente, a passos largos e criando um mercado interno considerável. Mas, ao mesmo tempo, cresce assustadoramente o Brasil miserável, graças ao modelo econômico perverso que foi instituído. É preciso encurtar os caminhos entre os dois Brasis. A reforma agraria, o direito ao trabalho, a saúde, a educação, a habitação, ao transporte, a proteção ao meio ambiente, a exploração dos recursos naturais e o desenvolvimento da ciência e tecnologia para beneficio dos brasileiros, são os grandes problemas brasileiros que deveriam ser resolvidos pela Assembleia. A nova Constituição ^{deve} refletir a esperança e o desejo dos cidadãos por um Brasil mais justo e feliz, onde as desigualdades sociais sejam diminuídas e os privilégios e os oligopolios extintos.

X X X X

CIDADES FASCINANTES

Os associados da A³P sendo, viajantes eméritos, conhecem o Brasil e o mundo inteiro e, por isso, aprovei-

tam as páginas de seu Boletim para descrever suas maravilhosas viagens.

Aguardando a remessa das colabora

ções dos nossos leitores transcrevemos o artigo de Paulo Francis, publicado na Tribuna da Imprensa de 09.05.87, intitulado "41 anos de Solidão".

41 ANOS DE SOLIDÃO

Paulo Francis

Foi em Fortaleza que, munido de dois sapotis, fruta "madeleine" para mim, (porque me lembra minha mãe que morreu quando eu tinha 14 anos), que dei com o que chamam "retirantes da seca". Pilhas de gente nas calçadas, sentadas ou deitadas, morrendo. Eram milhares de pessoas, em 1951, mas não tanto quanto hoje, me dizem, que chega a haver 600 mil pessoas. (...)

Para mim, jovem, 20 para 21 anos, foi um choque. As vezes me pergunto se não inventei isso, mais inspirado na autobiografia de Trotski, "Minha Vida" (mentirosa, mas muito bem escrita), em que ele endoida porque vê um camponês esperando um dia para ser recebido pelo pai dele, um mero "kulak". Mas acho que não. Vi isso mesmo.

A juventude é idiota e passional. Comecei a fazer perguntas lógicas: "Mas como é que permitem isso? Imaginei esquemas miraculosos de salvamento daquela multidão, sem dúvida inspirados em história de quadrinhos e filmes de Errol Flynn. Mas permitem, sim, e muito mais. Desde os 16 anos, pelo menos, em 1946, eu lia sobre o flagelo da seca no "Correio da Manhã", o melhor e mais destemido jornal do Rio. Mas ler e ver são duas coisas muito diferentes. O "Correio" promovia muito Celso Furtado, que idealizou a Sudene. Praticamente forçou o governo (tinha tanta força assim) a fazer a Sudene, hoje mais uma estatal usada pelos políticos para comer dinheiro do público e empregar amigos

e parentes. O de costume. Não é que os planos da Sudene não fossem bem bolados. De pequenino se conhece o pepino. A execução é a questão. Em 1953, a Petrobrás parecia uma idéia duca (a única vez que fui a um comício foi pela Petrobrás). Hoje é um asilo de luxo para militares, coronéis e generais reformados, que têm uma segunda carreira às custas do Estado, ou seja, do público, em última análise, dos "retirantes". (...)

Em 1946, eu soube dos "retirantes". Há 41 anos. Em 1951 vi com meus próprios olhos. Tivemos os seguintes presidentes desde 1946: Dutra, Getúlio, Café Filho, Carlos Luz (estes dois duraram dias. Luz, um dia), Juscelino, Jânio, Jango, Castelo Branco, Costa e Silva, Junta Militar, Médici, Geisel, Figueiredo, Tancredo Neves e Sarney. Este último é maranhense. Castelo Branco era cearense. Tanto faz a proveniência do presidente. O sistema não muda. (...)

Nunca é pensando que há meios de a região se desenvolver organicamente, pela iniciativa - dados os meios - dos cidadãos do Nordeste. É tudo pelo Governo que, sabemos todos, mas todos mesmo, só faz cuidar de si próprio. Lorde Palmerston dirigia o Ministério do Exterior na Inglaterra com 40 pessoas, no meio século XIX, quando havia o Império Britânico, o maior do globo, maior que o romano. Hoje Thatcher tem 5 mil funcionários no Foreign Office e não consegue sequer dirigir a Grã-Bretanha, que se revolta à bala na Irlanda do Norte. Governo só serve para fazer cumprir contratos e manter a lei e a ordem, nota Theodore Lowe, mas ele não é muito citado em cursos de Ciência Política, ou Econômica (dá vontade de

colocar aspas em ciência, porque não é ciência, claro, é palpitar, às vezes informa, às vezes não, e sempre experimental. Não há certeza).

Quando vi os "retirantes" sabia que, desgraçadamente, eu me meteria em política. Sempre torci o nariz, porque nasci com um ceticismo profundo sobre a natureza humana, quando garoto eu ficava perplexo que os adultos me mentissem tanto. Eu sabia por instinto, que estavam me mentindo, mesmo quando não entendia o que diziam. Mas aquele espetáculo dos "retirantes" simplesmente não me permitia saborear em paz dois sapotis.

Experimentei o que a ilustre crítica Patrícia J. Theodoro da Silva, chama de "Fraternidade", mas nem esta palavra vulgar, clichê desconversa, senti mesmo é vontade de fazer explodir a cabeça dos responsáveis por aquele espetáculo. Por certo, alguns pensadores com que eu estava familiarizado, diziam que este sentimento é apenas auto-indulgência, decorrem de uma composição química no corpo juvenil, traem uma falta de experiência com as sociedades como são e com a natureza humana, mas mandei tudo às favas. Eu não queria mais ver espetáculos semelhantes e isto justificava qualquer método para erradicá-los. A maioria dos jovens de sensibilidade sente isso na idade em que eu estava. Não senti-los é revelador de uma frieza, de uma falta de solidariedade, de imaginação (e de pretensão...), que marcam para sempre os medíocres e os narcisistas extremos. Este estágio da vida é o ideal para se ler Marx. Ele parece a solução.

Com o tempo a gente vai mudando de idéia. Um exemplo é que hoje se sabe que o perfil de pobreza no mun-

do e especialmente na Europa é o mesmo desde a Idade Média. Atribuir isso à luta de classe é ridículo, porque Marx não admite a existência de classes antes da Revolução Industrial (ele tinha até uma certa simpatia pelo individualismo feudalista. O senhor feudal, ao menos, reconhecia os servos como indivíduos, ao contrário do industrial). Mas não vamos entrar em Ciência Política, que não existe, a meu ver. É certo que esta idéia de meter o bedelho em toda a sociedade, de ver a sociedade como um todo manipulável é essencialmente uma perversão secular das religiões judaica e católica. Só deram certo sociedades protestantes em que o indivíduo é responsável por si próprio, nenhuma casta média entre o indivíduo e deuses. O contato com os deuses e o mundo é direto. Isto foi um grande estímulo à iniciativa pessoal e o capitalismo nasceu dessa idéia, ou ao menos, foi concomitante a esta idéia. A ascensão dos países protestantes à riqueza depois da revolução de Lutero é tão fácil de provar como a decadência dos países católicos (Espanha e Portugal vêm logo à mente) no reacionarismo em 1789, 1792, Napoleão e 1848, que secularizaram a sociedade. (...)

Nesses 41 anos as coisas pioraram no Brasil miserável e a miséria chegou às ilhas de civilização. Parte do meu espanto em Fortaleza se deveu a que no Rio não havia espetáculo igual. A cidade tinha no máximo 2 milhões de habitantes e espaços vazios mil. Copacabana e Ipanema nem de longe sugeriam favelas. Até a década de 50 Ipanema era um deserto. Hoje é tudo favela, ou caminha para isso, exceto em bairros em que os bem de vi-

da se entrincheiram. O País continua pendurado na costa sul. Brasília, à parte a casta governamental (uma das maiores rendas percapita do País. Como Campinas, com seus acadêmicos. Nada se produz em uma cidade e outra, exceto conversa fiada); é uma das maiores favelas brasileiras.

Doeu em 1951. Todos os meus ídolos literários, de Eliot a Yeats, a Gide, a Proust, eram, se formos literais, extremamente reacionários. Acreditavam em elites e nem nestas porque tinham uma visão trágica do destino. O livro de Proust é a extrema desconstrução da sociedade francesa, e o escritor só acredita no ato de escrever. Eliot acredita em salvação religiosa (piorou muito como poeta ao se converter ao anglicanismo. Só escreveu besteira depois). Gide é nietzscheano. Flertou com o socialismo, e se indignou memoravelmente com o que os belgas faziam com os criolos no Congo belga, um livro esquecido hoje, mas de primeira classe. Mas uma viagem a URSS destruiu qualquer ilusão que ele tivesse sobre socialismo. Lhe deram condolências no paraíso stanilista porque os franceses não tinham sapatos... A ignorância

entronizada em indignação moral é extremamente agressiva.(...)

E quando cheguei a Fortaleza, a consciência social me atingiu em cheio. Todas aquelas milhares de pessoas morrendo de fome na rua sem despertar o menor interesse das autoridades. Um retrato indelével do Brasil. Agora está em 'Blow Up' e em toda parte. No cemitério de Leningrado, que colheu até De Gaulle de surpresa, surpresa que ele converteu num discurso memorável de improviso. Está escrito "Nada foi esquecido. Nada foi perdoado". Um milhão e meio de pessoas estão enterradas ali, que caíram contra o nazismo, que os sobreviventes derrotaram.

Nós não somos chegados a estes episódios decisivos na História. A independência foi proclamada mais ou menos (porque D. Pedro II tinha aspirações ao trono de Portugal), ninguém sabe porque foi proclamada a República, a "Revolução" de 1930 terminou num banho feudal com acréscimo populista e o golpe de 1964, dado ostensivamente para modernizar o Brasil no capitalismo, terminou na maior cloaca estatista da nossa história. Só dói quando eu rio.

BOLETIM OFICIAL de

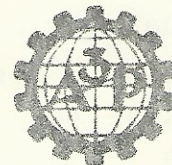
ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA

DEPOIS ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA - ATUAL ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ

SEDE ADMINISTRATIVA: Clube de Engenharia - Av. Rio Branco, 124 - 23º andar - Tel.: 222-4598

SEDE SOCIAL: Escola Nacional de Engenharia - Largo de São Francisco - Tel.: 221-2936

Editado sob a responsabilidade da Diretoria - CIRCULAÇÃO INTERNA - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



IMPRESSO